

Denúncia abala cúpula da Segurança

Acusado de receber dinheiro de traficante, subsecretário Lenine de Freitas será investigado pela Corregedoria de Polícia

NELSON SOARES E
PAULA MÁIRAN

O subsecretário de Planejamento Operacional da Segurança Pública, coronel Lenine de Freitas, está sendo investigado por denúncia de envolvimento com o traficante Celso Luís Rodrigues, o *Celsinho da Vila Vintém*. O adolescente H., de 18 anos, prestou depoimento na Corregedoria-Geral Unificada, na quinta-feira, acusando Lenine de ter passado avisos a *Celsinho* sobre datas de operações policiais em favelas controladas pelo criminoso. H. afirmou ter frequentado o gabinete do subsecretário, ao qual pagou, em mais de uma ocasião, R\$ 5 mil por informação. Boatos sobre a exoneração de Lenine correram desde então, mas o secretário de Segurança Pública, coronel Josias Quintal, confirmou ontem à tarde que Lenine será mantido no cargo, enquanto durar a investigação conduzida pela procuradora Celma Alves, titular da Corregedoria-Geral Unificada de Polícias.

O único que perdeu o emprego em consequência da denúncia, até agora, foi o assessor da Ouvidoria de Polícia, coronel Valmir Alves Brum, que tomou depoimento de H., há cerca de um mês, por ordem do ouvidor de Polícia, o defensor público Mário Lúcio de Andrade Neves. Brum foi exonerado ontem, acusado de ter forjado a acusação contra Lenine.

Há cerca de um mês H. afirmou pela primeira vez que possuía informações sobre o envolvimento de autoridades policiais com o tráfico de drogas. Quando fez a denúncia, estava recolhido no Centro de Triagem e Recepção de adolescentes infratores, na Ilha do Governador. Com outros cinco rapazes, denunciara o espancamento por três agentes educacionais que atualmente estão sob inquérito administrativo e afastados das funções. O grupo teve direito então a atendimento pela Defensoria Pública e H. aproveitou a ocasião para pedir proteção, em troca de informações sobre o tráfico de drogas e a corrupção policial. Falou com três defensores, acompanhados do chefe de segurança da Defensoria, coronel Hamilton Saldanha. Ele contou que traía o bando ao qual pertencera e que estava ameaçado de morte. Mais tarde, confirmou a história ao coronel Brum.

Proteção – A Defensoria Pública encaminhou H. à Ouvidoria, a qual, por sua vez, entregou a testemunha contra Lenine aos cuidados da Subsecretaria de Inteligência da Segurança Pública. H. passou 20 dias refugiado em um hotel no Centro, o mesmo que abrigou, em 1993, a testemunha-chave da chacina da Candelária, Wagner dos Santos. Somente na quinta-feira, a equipe do subsecretário de Inteligência, delegado Nelcy de Freitas, devolveu H. à Ouvidoria, sob alegação de que o rapaz não colabora com a investigação.

O ouvidor de Polícia contou ontem que, sem saber que destino poderia dar à testemunha, recorreu à advogada Cristina Leonardo, do Centro Brasileiro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CBDDCA), para tentar obter proteção de vida para H.. O

programa estadual de Proteção a Testemunhas está atualmente parado. “Procurei a advogada por saber que ela tem contatos no Ministério da Justiça, o que facilitaria na solução do problema”, admitiu Mário Lúcio. Na Defensoria, H. resolveu formalizar as denúncias. Cristina Leonardo chamou a Rede Globo, que entrevistou a testemunha no prédio da Secretaria de Segurança Pública.

Ao fim do depoimento, Neucy de Freitas ficou encarregado de ir ao Aeroporto Santos Dumont, informar sobre o depoimento ao secretário Josias Quintal, que retornava de Brasília. H., os defensores, o ouvidor e os coronéis Saldanha e Brum foram então para o gabinete de Quintal. Mas o secretário já tinha tomado conhecimento das acusações contra Lenine, pelo noticiário da TV, e decidiu encaminhar o grupo a Celma Alves, a quem H. e os defensores prestaram depoimentos entre 22h da quinta-feira e 5h30 de ontem.

Mais cedo, na Secretaria de Segurança, chegou a haver um desentendimento entre Cristina e Brum, que se mostrou contrário à iniciativa dela de divulgar a denúncia. “Foram usadas palavras de baixo calão, que não posso repetir”, afirmou Josias. “O caso foi conduzido de forma inadequada. O interesse de torná-lo público ficou mais que claro”, observou. Ele disse não ter encontrado dados que fundamentassem as denúncias.

Discussão – A denúncia contra Lenine também resultou em desentendimento entre Quintal e o ouvidor de Polícia, durante reunião do secretário com seu chefe de gabinete, o tenente-coronel Romilton Corrêa de Souza, e com o coronel Brum. Romilton saiu em defesa de Quintal, aumentando o tumulto no gabinete – só encerrado com a intervenção dos seguranças da secretaria. “Há muitos interesses em jogo. O coronel Brum foi exonerado por ter extrapolado nas reações, ao ofender Cristina e o coronel Romilton. Além disso, ele sempre teve uma relação conturbada com Lenine”, explicou Quintal.

Para Lenine, o assessor da Ouvidoria agiu de forma desequilibrada. “Só isso explica o empenho dele em tentar prejudicar meu trabalho e derrubar o coronel Wilton Ribeiro do comando da PM”, afirmou. “Ele terá de provar que minha atuação é atrapalhada e desastrosa. Saio sem mágoas, mas triste por ver tanta hipocrisia”, concluiu o ex-assessor.

Para Lenine, as acusações têm o objetivo de desmoralizá-lo. “Não têm consistência. Meus sigilos bancário, fiscal e telefônico estão à disposição para investigação”, afirmou. Segundo o oficial, fazem parte do grupo interessado em prejudicá-lo os coronéis Brum e Saldanha, além da advogada Cristina. “Eu nunca tive nenhum contato com o Celsinho e também nunca estive nas favelas que ele controla”, afirmou Lenine. “Recentemente, a Cristina encaminhou carta ao secretário pedindo que Brum fosse colocado no comando-geral da PM, no lugar do coronel Wilton Ribeiro”, acusou.

Colaboraram Marco Antônio Martins e João Pinheiro

Fotos de Luiz Morier